



Descobrimos o Conchal do Arneiro



Descobrimo o Conhal do Arneiro

O Conhal do Arneiro indica-nos a existência de uma lavra a céu aberto onde possivelmente se extraía ouro por desmonte gravítico dos depósitos sedimentares constituídos por conglomerados.

Os vestígios desta exploração com origem Romana ocupam uma área de mais de 40 hectares entre o ribeiro do Vale e a Serra de S. Miguel. O que se pode ver são enormes amontoados de seixos rolados de quartzito a que se dá o nome de **conhos**.



Enquadramento geológico



Na região do Conhal do Arneiro registam-se vários tipos de rocha que representam os últimos 600 milhões de anos da história da Terra.

Como se observa na carta geológica, destacam-se os xistos e os grauvaques do Grupo das Beiras, os xistos e os quartzitos do Ordovícico (480-435 milhões de anos) e os conglomerados recentes.

O Conhal do Arneiro caracteriza-se, essencialmente, por duas unidades: as **arcoses da Beira Baixa** e os **terraços fluviais do Tejo**. As arcoses, pertencentes ao Grupo da Beira Baixa, com origem na erosão das rochas graníticas, terão sido depositadas há 50-30 milhões de anos ao longo de rios efémeros que corriam pela planura árida.

Os terraços fluviais são testemunhos das modificações climáticas que decorrem durante a última Era Glaciar. O rio Tejo, a partir do momento em que passa a correr no sentido do Atlântico há 2,6 milhões de anos, sofre um rápido e profundo encaixe no vale onde se formam vários terraços em escadaria, correspondendo cada um a antigas planícies de cheia onde se depositam sedimentos mais ou menos grosseiros, testemunhos da energia das águas

O ouro

O Conhal do Arneiro situa-se num depósito de terraço fluvial com cerca de 100000 anos, constituído por conglomerados, rochas sedimentares detríticas com seixos de quartzito mais ou menos rolados atingindo 1m³ de volume cuja matriz envolvente é areno-argilosa, que assentam sobre as Arcoses da Beira

Baixa (rochas mais finas, predominantemente areníticas e mais antigas). Estes depósitos associados ao Rio Tejo foram designados por Plínio o Velho, na primeira metade do séc. I, de *Aurífer Tagus*, onde o ouro aparece pela erosão de rochas paleozóicas com abundantes filões e veios de quartzo auríferos.

A extracção do ouro

Apesar de não haver ainda um estudo específico, no Conhal do Arneiro, é possível fazer algumas inferências e comparações com as técnicas de exploração mineiras empregues durante o período Romano, nomeadamente com Las Medulas (Espanha), património cultural da humanidade pela UNESCO.

Os depósitos auríferos seriam desmanchados pela força erosiva da água captada e armazenada na bacia hidrográfica da Ribeira da Nisa, através de um engenhoso sistema hidráulico. Canais de encaminhamento de água, a “Vala dos

Mouros” talhados a meia encosta e direccionados para os depósitos sedimentares. A jusante situavam-se os tanques de decantação e lavadouros onde eram separadas as pepitas de ouro, num processo de selecção gravítica como ainda se pode assistir pelos antigos garimpeiros do Rio Ocreza. Este método forneceria ouro puro que não necessitava de qualquer tipo de tratamento.

O volume de sedimentos trabalhados por decénios terá sido superior a 10 milhões m³, para terem sido extraídos pouco mais de 3 toneladas de ouro.

Conheiras

As conheiras são o aspecto mais característico deste local. As cascalheiras apresentam-se moderadamente calibradas, com aspecto homogéneo, em amontoados individualizados, de configuração cónica ou em extensas fiadas com mais de 100 m de extensão, o que indica obra humana.

A não perder...

